

## A TRADUÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA EM TURMAS DE 8º E 9º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL

**Edna Câmara Monteiro<sup>1</sup>**  
UVA/UNAVIDA  
[edna\\_9909@hotmail.com](mailto:edna_9909@hotmail.com)

**Maria Aparecida Fernandes Medeiros<sup>2</sup>**  
UVA/UNAVIDA  
[Professora\\_aparecida@yahoo.com.br](mailto:Professora_aparecida@yahoo.com.br)

**Moizés Franco Ferreira<sup>3</sup>**  
UNINTER  
[moizesfranco@hotmail.com](mailto:moizesfranco@hotmail.com)

**Verônica Marques da Silva Barbosa<sup>4</sup>**  
PMCG  
[profveronicam@gmail.com](mailto:profveronicam@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo apresenta uma pesquisa realizada em duas escolas da rede particular de Ensino Fundamental de Campina Grande (PB), com turmas do 8º e 9º anos, na disciplina de Língua Inglesa e teve como objetivo geral analisar a importância da utilização da tradução como estratégia no ensino de língua inglesa para alunos do ensino fundamental. O procedimento metodológico compreendeu estudos bibliográficos e pesquisa de campo de natureza qualitativa valorizando os aspectos descritivos e as percepções para focalizar o particular como elemento de uma totalidade, procurando compreender os sujeitos envolvidos em seu contexto. Para coleta e análise dos dados, foram aplicadas as seguintes técnicas de pesquisa qualitativa: a observação direta e a aplicação de questionários semi-estruturados. Os sujeitos da pesquisa foram professores e alunos. O estudo apontou para o interesse dos alunos por atividades que envolvam a tradução de músicas ou textos, pois estes demonstraram enxergar a tradução, principalmente de músicas, como uma ferramenta que irá ajudá-los a compreender melhor a língua inglesa.

**Palavras-Chave:** Tradução. Estratégias de ensino. Língua inglesa

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (UEPB); Pedagoga e Psicóloga pela UEPB; Especialista em Gestão Educacional e Educação de Jovens e Adultos pela UFPB e em Recursos Humanos pela UFPE. Professora do curso de Pedagogia da UVA/UNAVIDA; Coordenadora Pedagógica e Gestora Escolar da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande (PB).

<sup>2</sup> Mestre no PPGFP - Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Especialista em Formação do Educador pela UEPB. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Aberta Vida UVA/UNAVIDA. Orientadora Educacional do Município de Esperança-PB. Professora da Educação Básica (Educação de Jovens e Adultos) do Município de Lagoa Seca-PB.

<sup>3</sup> Licenciado em Química (UEPB); Cursando Licenciatura em Pedagogia (UNINTER).; Secretário escolar da rede Municipal de Campina Grande.

<sup>4</sup> Pedagoga e professora de Letras/Libras (UVA/UEPB). Especialista em Psicopedagogia; AEE e Inclusão escolar. Profª Educação Básica da Rede Municipal de Campina Grande.

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o ensino de Língua Estrangeira, com o objetivo de atender as novas demandas da sociedade, da educação, vem se modificando de forma a promover a formação do indivíduo participativo, crítico, que tem acesso a um mundo sem fronteiras, onde as informações circulam de forma muito rápida e exigiram-se, cada vez, mais novas competências que diferenciem os indivíduos no mercado de trabalho. Nesse sentido, o domínio da linguagem, tanto a materna quanto a língua inglesa, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões do mundo, produz conhecimento. (P.C. N, 1998, p. 13).

Diante das novas configurações sociais, onde informações e descobertas acontecem em frações de segundo, o processo de desenvolvimento da escola entra na pauta como um dos mais importantes aspectos a serem discutidos neste processo, pois é nela que são promovidas as mais importantes formulações teóricas sobre o desenvolvimento cultural e social de todas as nações, dessa forma, a pesquisa educacional acaba tomando um lugar central na busca de perspectivas que possibilitem uma nova prática educacional. Prática essa que envolve toda a comunidade escolar e principalmente os professores, que passam a ser mediadores de novos conhecimentos, partindo do interesse e necessidades do grupo. Nesse contexto, a escola assume o papel de preparar o indivíduo para as novas exigências que a sociedade e o mercado de trabalho impõe.

Nesse sentido, é importante discutir as estratégias para o ensino e aprendizagem de línguas, pois elas atuam como ferramentas que podem ser utilizadas no desenvolvimento de diferentes habilidades, das quais o aluno pode valer-se para melhorar sua competência comunicativa, sua proficiência e autoconfiança.

Essas considerações suscitaram os seguintes questionamentos de pesquisa: Qual a importância da utilização de atividades de tradução no ensino de língua inglesa para alunos do ensino fundamental? Essas atividades favorecem o desenvolvimento linguístico, cultural, histórico e indenitário dos alunos? Para responder esses questionamentos tomamos como objetivo geral: analisar a importância da utilização de atividades de tradução como estratégia no ensino de língua inglesa para alunos do ensino fundamental. Com objetivos específicos elencamos: verificar como a estratégia da tradução é utilizada pelos professores nas aulas de inglês em turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II; Identificar a opinião de professores e alunos sobre as atividades de tradução presentes na dinâmica das aulas de língua inglesa; discutir as possibilidades e dificuldades de utilização da tradução como estratégia de aprendizagem nas aulas de língua inglesa em turmas do Ensino Fundamental II.

Buscando responder a esses questionamentos, optamos por uma pesquisa do tipo do tipo estudo de caso numa abordagem qualitativa embasada em fontes bibliográficas específicas, na qual a pesquisa empírica nos permitiu a coleta de dados, por meio de questionários semi-estruturados, com perguntas abertas e fechadas. Tomamos como campo empírico Duas escolas da rede particular de ensino de Campina Grande (PB). Elegemos como sujeitos de pesquisa dois professores do 8º e 9º ano respectivamente e cinco alunos de cada turma. Como instrumento complementar de coleta de dados, utilizamos a observação direta da rotina de uma sala de aula durante as aulas de língua inglesa.

A pesquisa oportunizou discutir a importância da estratégia de tradução nas aulas de língua inglesa com alunos do Ensino fundamental, como forma de estimular a leitura crítica, a autonomia do estudante e como forma de desenvolvimento de lógica, clareza, formação intelectual, a aprendizagem da precisão e a expressão da criatividade.

## **2. O USO DA TRADUÇÃO COMO ESTRATÉGIA NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA**

Atualmente, vivemos em um novo modelo de sociedade em constante movimento onde, cada vez mais, as transformações do mundo globalizado, dos constantes avanços tecnológicos e de conhecimentos, vem requerendo que os sujeitos dominem novos conhecimentos, novas capacitações e se adéque a realidades diversas. Sendo assim, o domínio de uma segunda ou mais línguas tornou-se uma necessidade, já que passa a ser um atributo facilitador e diferenciador no concorrido mercado e trabalho. Sendo assim, sejam por razões econômicas, diplomáticas, sociais ou comerciais, a necessidade de entrar em contato com falantes de outro idioma tornou-se cada vez mais necessária na sociedade atual, o que impulsionou o surgimento de diversas metodologias de aprender e ensinar, de forma sistemática, a língua estrangeira.

Durante séculos a tradução foi considerada a base fundamental do ensino de língua estrangeira, pois se constituía uma tentativa de tornar o aprendizado mais simples, tomando a sentença como unidade ao invés do texto. Contudo, quando o objetivo do ensino deixou de ser o texto escrito, a tradução deixou de ser utilizada e passou a ser lembrada apenas como técnica ultrapassada de ensino da gramática. Praticamente desde os ataques ao método que dá ênfase a gramática e a tradução, ela passou a ser desconsiderada como uma estratégia de ensino. Cook (2007) afirma que a tradução “permaneceu somente marginal no mainstream da linguística aplicada e na teoria de ensino de língua inglesa: tanto naquela dedicada ao estudo empírico dos processos aquisicionais da linguagem, quanto naquela preocupada com a sociologia e política

Atualmente, muitos alunos que chegam ao Ensino Fundamental II com muitas dificuldades na Língua Inglesa, ou não tiveram aula de língua inglesa no Ensino Fundamental I, que é o caso daqueles alunos oriundos de escolas públicas, ou estudaram superficialmente alguns aspectos da língua inglesa, portanto o que é óbvio para uns pode não ser para outros. Nas series iniciais do fundamental II a metodologia utilizada, na maioria das vezes, é o inglês instrumental, ou seja, ensino da língua por meio de textos, conteúdos gramaticais e de vocabulário. A tendência do material didático dessa etapa é separar as aulas em duas etapas: gramática e compreensão de textos, dando-se evidencia a oralidade.

Nesse contexto, não podemos perder de vista que o ensino da língua inglesa pode contribuir significativamente para que o aluno ganhe uma bagagem cultural e linguística. Os PCNs ressaltam que:

[...] a disciplina Línguas Estrangeiras na escola visa a ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais.

Os PCNs também orientam no sentido de que a língua estrangeira contribua para a inclusão e vivência da cidadania no âmbito escolar, levando-o a uma reflexão sobre o seu lugar e o seu papel na sociedade. Sendo assim, a língua estrangeira de acordo com o documento:

[...] propõe trabalhar no âmbito da formação de indivíduos, de cidadãos – se focalizar um aspecto já mencionado anteriormente: o de trabalhar em prol de uma “alfabetização” dos alunos (indivíduos, cidadãos) (SOARES, 2004) condizente com as necessidades da sociedade em que vivem, de uma sociedade que tem as suas próprias características, porque é interpelada por uma história e uma cultura em constante construção e reconstrução (BRASIL, 2006, p 97).

O aluno que adentra o Ensino Fundamental II e que teve a oportunidade de ter estudado a língua inglesa no Ensino Fundamental I possivelmente terá uma melhor familiarização com a língua, portanto pode-se pensar em estruturas mais aprofundadas, vocabulário mais abstrato; enfim, são diversas as vantagens. Por outro lado, quando a língua inglesa é apresentada pela primeira vez no Fundamental II, como no caso das escolas municipais e públicas, haverá a necessidade de retomar noções extremamente básicas e isso poderá acarretar um déficit estrutural significativo que poderá estender-se até o Ensino Médio. Nesse sentido, é muito importante que o ensino da língua inglesa aconteça de forma contextualizada, despertando o interesse do aluno e abreviando tempo antes perdido. Utiliza-se textos curtos, músicas, jogos, multimídia, gêneros textuais diversificados que facilitem o uso da língua na prática cotidiana.

Nesse sentido, os PCNs orientam que “a escolha dos textos de leitura deve, por exemplo, partir de temas de interesse dos alunos e que possibilitem reflexão sobre sua sociedade e ampliação da visão de mundo, conforme a proposta educativa focalizada neste documento” (BRASIL, 2006, p. 114).

Nesse sentido, o ensino precisa priorizar as necessidades sociais e levar em consideração os avanços teórico-metodológicos que vem ocorrendo ao longo do tempo e que passaram a exigir novas estratégias de formação do cidadão para viver na sociedade moderna, globalizada e competitiva. Para que isso aconteça é preciso que compreendamos que o mundo passa por um processo de rápido desenvolvimento, um mundo globalizado, onde as informações circulam a uma velocidade alucinante e exige dos indivíduos novos conhecimentos e uma capacidade extrema de se adaptar as novas mudanças e novos perfis que vão surgindo. O mundo mudou e vai continuar mudando para atender às necessidades de cada geração. Hoje em dia, ser capaz de acompanhar as mudanças, conhecer-se e conhecer o outro é uma habilidade importantíssima que toda e qualquer disciplina deve abordar. Portanto, a língua inglesa também deve contribuir para essa formação integral do aluno crítico e participativo.

No entanto, ainda temos escolas e professores insistindo em velhos métodos de ensino, centrados apenas em aspectos formais da língua. Nesse sentido, Celani (2009) defende que é preciso reconhecer a importância de se trabalhar o segundo idioma para a educação integral de cada indivíduo - o que proporciona esse indivíduo compreender o outro e as diferenças, além de inserir este no contexto atual.

A tradução assume uma nova roupagem, deixando para trás a tradução literal e descontextualizada, na qual o professor ignora o contexto e traduz termos isolados, sem considerar a realidade e os sujeitos envolvidos. Entra em cena a necessidade de trabalhar as línguas estrangeiras em contextos situacionais. Nessa abordagem de pensamento, Malmkjaer (1998) defende que a tradução continua sendo um componente significativo no ensino de línguas em vários países e, por essa razão, a autora sugere que devemos utilizá-la de forma adequada na rotina de aula de cada turma, de acordo com o perfil dessa turma.

Atkinson apud Romanelli (2009, p. 210) sugere vários usos da tradução na sala de aula:

- (a) explicar o significado de uma palavra mediante a tradução;
- (b) controlar a compreensão de uma estrutura da LE na LM;
- (c) permitir ou estimular os estudantes a traduzirem de uma palavra como controle de sua compreensão;
- (d) elucidar o vocabulário dando o equivalente na LM;
- (e) dar instruções relativas a uma atividade, na LM, facilitando a comunicação com os estudantes.

No entanto, é preciso não perdermos de vista que não existe um melhor método para o ensino da língua estrangeira, o melhor método é aquele que considera as diferenças de cada turma, os interesses dos alunos e o domínio pedagógico do professor. É preciso que o professor dessa área esteja se qualificando permanentemente e tenha o interesse por estar sempre melhorando sua prática pedagógica.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas da Rede particular de ensino de Campina Grande (PB), no período de abril a maio de 2016. Os dados da observação e de questionários semiestruturados, aplicados com duas professoras da disciplina de língua Inglesa e 10 alunos das turmas de 8º e 9º ano das duas escolas.

Durante os momentos de observação podemos constatar que os alunos demonstraram boa aceitação as aulas de língua inglesa. A quantidade de aluno nas turmas participantes da pesquisa é inferior a 20 alunos na primeira escola e 35 na segunda escola. Na primeira escola, o número reduzido de alunos facilita as estratégias utilizadas pelas professoras e permite um melhor acompanhamento individualizado das atividades. Percebemos que as professoras trabalham de forma tradicional, enfatizando o livro didático adotado pela escola, porém também demonstram desenvolver estratégias que envolvem dinâmicas, diálogos e momentos de tradução de músicas e poemas que envolvem os alunos, despertando o interesse e a atenção destes nas aulas. Observamos, também, que os conteúdos são trabalhados, de forma contextualizada, através de leituras, interpretações, produções de diálogo e apresentação de leituras de textos para treinar a pronuncia das palavras.

Durante as aulas, foi possível observar que as professoras procuram tornar as aulas atrativas, utilizando música, data show ou TV, diálogos divertidos, partindo dos textos do livro didático, bem como textos e atividades extras digitadas. As professoras mencionaram ainda, trabalhar com pesquisas, pois todos os alunos possuem acesso a meios digitais e estes são aproveitados para o aprendizado da língua inglesa.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (1998), para se ensinar uma língua estrangeira é preciso compreender teoricamente o que seja a linguagem, sua importância, bem como, como fazer uso desta em sociedade. Neste sentido, é importante a interação social e o foco na aprendizagem significativa no processo de ensino e aprendizado. Outro aspecto a ser evidenciado na prática pedagógica é o uso das novas tecnologias, pois estas podem contribuir para o acesso a língua estrangeira.

As professoras, responderam um questionário onde, inicialmente, indagamos sobre qual a metodologia que estas utilizam nas aulas de língua inglesa e estas afirmaram que procuram tornar as aulas bem dinâmicas e atrativas para os alunos, pois nem sempre estes estão a fim de fazer as atividades propostas no livro didático. Apontaram a música e a tradução como estratégias que prendem a atenção dos alunos, porém precisam trabalhar o livro didático adotado pela escola.

Perguntamos as professoras se estas trabalham com a tradução em sala de aula e em que contexto recorrem a essa estratégia de ensino. As mesmas responderam que sim e que o fazem, principalmente, com músicas e textos de temáticas que interessam aos alunos, pois dessa forma conseguem melhores resultados e que procuram trabalhar textos que permita explorar os conteúdos explorados no livro. Em relação a frequência em que acontecem essas atividades, responderam que, como a prioridade do planejamento é trabalhar o livro adotado pela escola, atividades com tradução de músicas e textos diversificados, não acontecem com a frequência que gostariam, entretanto são usadas como estratégias de motivação dos alunos para os conteúdos do livro. A professora (A) comentou em seu questionário:

Utilizo a tradução em minhas aulas em atividades planejadas, com músicas ou textos que despertem o interesse dos alunos, pois percebo que auxiliam a compreensão dos alunos, bem como os ajuda a se familiarizar com as questões gramaticais da língua inglesa de uma forma mais dinâmica e se constitui uma forma mais prazerosa dos alunos realizarem as atividades.

Nesse sentido, Romanelli (2009) observa que a vantagem do uso da tradução não se limita apenas a facilitar o estudo das mensagens linguísticas, mas permite economizar tempo em sala de aula. Vantagem está de considerável importância devido ao fato de que na grande maioria das escolas são disponibilizadas uma carga horária de noventa minutos semanais para o ensino de uma língua estrangeira.

Perguntamos as professoras se estas consideram a tradução uma boa estratégia para o ensino de língua inglesa, estas consideram que é uma boa estratégia, pois prende a atenção dos alunos, permite partir de textos, filmes ou músicas que despertem o interesse e a participação dos alunos durante as aulas. Medina (2003), defende que a música possibilita a memorização do vocabulário, além de facilitar a escrita e ser um meio viável de aquisição de uma segunda língua. Ainda, de acordo com o autor, a música sensibiliza os discentes, pois, é fato que está muito presente na vida do ser humano. Para o autor outra grande contribuição na aprendizagem são os filmes, pois, além de motivar os estudantes com o uso de recursos multimídia em sala de aula, tornam as estratégias de ensino mais diversificadas. Para tanto se deve ter cuidado por

parte dos aprendizes quanto à seleção dos filmes, esclarecendo aos estudantes a finalidade deles, para que não sejam vistos simplesmente com momento de descontração.

Em relação as dificuldades enfrentadas em sua prática como professora de língua inglesa, citaram a desmotivação dos alunos, apontando essa como um desafio, pois precisam estar constantemente renovando as estratégias de ensino. Sobre isso Leffa (2011), explica que o próprio aluno deixa de assumir a responsabilidade de estudantes, isto é, não estudam e acabam atribuindo toda responsabilidade na escola ou professor, agindo de forma muito passiva diante a aprendizagem da língua estrangeira. O autor afirma que essa postura passiva em relação à aprendizagem pode estar relacionada ao fato de que muitos alunos não acreditam que é possível aprender a língua estrangeira com as práticas pedagógicas das escolas públicas.

As professoras apontaram ainda, que outra grande dificuldade que enfrentam está relacionada a carga horária da disciplina, que em relação as demais disciplinas, é pequena o que prejudica no aprendizado da mesma, pois com poucas aulas o professor tem dificuldades de aplicar estratégias diferenciadas, que permita o aluno estar em contato constante com a nova língua estrangeira. Enfatizam que um encontro semanal é muito pouco para trabalhar todos os conteúdos exigidos no módulo e ainda promover atividades que despertem o interesse do aluno para aquisição da língua estrangeira. Em relação a essa problemática Schmitz (2009, p.14) afirma que:

A carga horária nem sempre é favorável para a disciplina de língua estrangeira nas escolas públicas. O número de horas é pouco, e o tempo limitado não permite dar atenção igual a todas as habilidades. É por essa razão que os PCNs (Brasil, 1999) recomendam que a ênfase seja dada ao desenvolvimento da habilidade de leitura.

Aplicamos um questionário com a 20 alunos, sendo 10 alunos da turma do 8º ano e 10 alunos da turma do 9º ano. Inicialmente indagamos os alunos sobre o que eles acham das aulas de língua inglesa. Em sua maioria consideram as aulas legais, mas gostariam que fossem mais dinâmicas e menos presas as questões gramaticais e exercícios do livro. Ficou claro para a pesquisadora, que os alunos, participantes da pesquisa, que consideram a língua inglesa atrativa e demonstram interesse em ampliar seus conhecimentos sobre ela.

Foi perguntado aos alunos, quais as maiores dificuldades enfrentadas no estudo da língua inglesa e a maioria dos alunos afirmou que os próprios conteúdos, principalmente a parte gramatical, é o mais difícil. Alguns alunos apontaram que têm grande dificuldade na leitura em sala de aula, pois possuem deficiência na pronúncia do idioma. Dificuldades que apontam para a necessidade dos professores utilizarem mais recursos áudios-visuais em sala de aula, com a

finalidade de proporcionar maiores oportunidades para o aluno ouvir em língua inglesa. O professor deve ter essa consciência, de que será sua prática pedagógica que influenciará o aluno no desenvolvimento das habilidades necessárias para aprender o segundo idioma.

Daí a importância desse professor está preparado, de estar aberto para o novo e disposto a oferecer um ensino contextualizado, que corresponda a realidade de seus alunos. Esse sentido, Barcelos (2009), defende que o professor deve trabalhar de forma criativa e significativa, fazendo uso de diversas, levando em consideração o que os alunos desejam e irão aprender, e que seja por vontade e de forma prazerosa que estes entrem em contato com a língua inglesa.

Indagamos os alunos sobre o que acham da estratégia de tradução de textos e músicas nas aulas de língua inglesa e estes, em maioria absoluta, responderam que gostam muito, pois torna as aulas menos chatas, mais dinâmicas e divertidas. Mencionaram que a tradução de músicas e textos diversos ajudam na compreensão de muitas outras questões da língua inglesa, torna as aulas atrativas, possibilita o estudo da cultura, facilita a pronúncia correta, é acessível e geralmente a professora traz músicas ou textos que são do interesse da maioria na sala.

Quando indagados sobre como gostariam que fossem as aulas de língua inglesa, a maioria apontou o uso da tradução de música e textos como estratégias que devem estar presente no dia-a-dia das aulas de inglês. Ficou claro, no questionário que, a maioria, gosta e tem acesso regular as músicas em língua estrangeiras, através de CD players, computadores, rádios e, na escola, na rua, nos celulares, aparelhos de mp3, Ipod. A música faz parte da vida do adolescente e eles têm amplo acesso e muita facilidade para lidar com novas tecnologias.

Segundo Costa (2010, p.120), a música, na sala de aula, deve levar os alunos a observar a interação texto-melodia e a perscrutar os meios técnicos que lhes trouxeram a canção, bem como seu processo de produção. Isto é, a música deve ser trabalhada em todas as suas linguagens, considerando também as linguagens que estão ligadas a ela como a fotografia, a pintura. É preciso também considerar seu processo de construção e o processo de assimilação, a época em que surgiu e como foi transmitida. Para um trabalho mais efetivo, é necessário não apenas ouvi-la, traduzi-la, mas também explorar sua mensagem, interpretar os seus sons, sua letra, sua melodia. É importante evidenciar o lado artístico da música. Portanto, trabalhar com estratégias que envolvam o uso de categorias de tradução oportuniza trabalhar em um contexto mais próximo do que o aluno conhece e evita o que Beaugrande (1997) chama de tarefas artificiais, fazendo com que o aluno adquira mais confiança para interagir no contexto de língua estrangeira.

Portanto, concordamos com Arrojo (2003) quando defende a tradução não como uma transferência de palavras entre duas línguas, mas uma forma de produção de sentidos, de

significados. É um processo que envolve a experiência do tradutor, aliado à cultura. Podemos perceber que a tradução pode ser um recurso ou estratégia de aula que pode contribuir para transformar nossos alunos em pesquisadores linguísticos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa nos levou a perceber que a estratégia da tradução nas aulas de língua inglesa torna as aulas mais interessantes. A aceitação das atividades que envolvem a tradução de músicas e textos foi uma realidade detectada na pesquisa. Observamos que esta estratégia é utilizada pelas professoras como forma de explorar, além das questões inerentes a língua, aspectos históricos, políticos, sociais, culturais, religiosos, geográficos. Possibilita, ainda, a abordagem de temas transversais, como a violência, cidadania, juventude, drogas, direitos e deveres, contribuindo para o crescimento cultural e social do aluno enquanto cidadão.

A pesquisa reforçou a ideia de que o uso da tradução, de forma consciente, por parte do professor, como estratégia de ensino, pode romper com a ideia de que traduzir é simplesmente uma atividade mecânica e que basta ter domínio linguístico ou ser nativo do idioma - alvo para realizá-la.

Ficou claro, também, para a pesquisadora que todos os alunos consideram importante o conhecimento da língua inglesa, e que, apesar das dificuldades gostam da disciplina, desejam que as aulas sejam mais interessantes e enxergam a tradução, principalmente de músicas, como uma ferramenta que irá ajudá-los a compreender melhor a língua inglesa.

No entanto, também percebemos que as professoras necessitam de mais informações sobre outras funções que a tradução pode desempenhar em sala de aula de forma a atrair a atenção e motivação de todos os alunos, envolvendo-os durante o ano letivo com estratégias diferenciadas que supere a utilização do livro didático e que envolva músicas, textos ou informações sobre as questões sociais que vivenciam. Ressaltando, a necessidade de não se deixar de lado a necessidade de se dinamizar as aulas de língua estrangeira, utilizando diversos recursos, procurando sempre criar e inovar nas tarefas, mostrando a importância das línguas estrangeiras para o aluno, para o seu futuro acadêmico e desenvolvimento profissional, do qual requer o mundo globalizado.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARROJO, Rosemary. **O Signo Desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. Campinas: Pontes, 2ª ed. 2003.

BARCELOS, A. M. F. Lugares (im) possíveis de se aprender Inglês no Brasil: crenças sobre aprendizagem de Inglês em uma narrativa. In: **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, Múltiplos olhares**. Ed. São Paulo: Parábola, 2011, p. 14-158.

BRANCO, S. O. **Teorias da tradução e o ensino de língua estrangeira Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 185-199, 2009.

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Estrangeira**. Brasília: SEF/MEC, 1998.

CACHO, M. & BRANCO, S. O papel da tradução na sala de aula de línguas estrangeiras. IN: **Anais do VII Seminário Nacional sobre o Ensino de Língua Materna e Estrangeiras e de Literatura**. Campina Grande, UFCG, 2011.

COOK, G. Use of translation in language teaching. In: BAKER, M. (Ed.). **Routledge encyclopedia of translation studies**. London: Routledge, p. 117-120, 1998.

COOK, Guy. “A thing of the future: translation in language learning”. **International Journal of Applied Linguistics**. Vol. 17, n.3, 2007. Disponível em: [file:///C:/Users/EDNA%20CAMARA/Downloads/campos\\_geir\\_o\\_que\\_e\\_traducao.pdf](file:///C:/Users/EDNA%20CAMARA/Downloads/campos_geir_o_que_e_traducao.pdf). Acesso em maio de 2018.

COSTA, W. C. Tradução e ensino de línguas. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (Orgs.) **Tópicos de Linguística Aplicada**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998.

COSTA, M. B. **Globetrekker: Inglês para o ensino médio**. 2. Ed. Vol. 1. São Paulo, SP: Macmillan, 2010.

JAKOBSON, Roman. On the linguistic Aspect of Translation. In: VENITI, L. **Translation Studies Reader**. London/ NY: 1952 Ed. Routledge, p.113 – 117.

LEFFA, V.. **Criação de Bodes, Carnavalização e Cumplicidade**. Considerações Sobre o Fracasso da Lei na Escola Pública. In: CÂNDIDO DE LIMA. Diógenes. (Org.). *Inglês em Escolas Públicas Não Funciona: uma questão, múltiplo olhares*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.15-32.

LOPES, G. R. **Crenças em estratégias de aprendizagem de línguas (inglês) de alunos de cursos de letras**. (Dissertação). Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: [http://pgla.unb.br/wp-content/uploads/2008/04/Glenda\\_Rubia\\_Lopes.pdf](http://pgla.unb.br/wp-content/uploads/2008/04/Glenda_Rubia_Lopes.pdf). Acesso em março de 2018.

LUCINDO, Emy Soares. **Tradução e ensino de línguas estrangeiras**. *Scientia Traductionis*. Florianópolis, n. 3, nov. 2006. p. 1-10. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/12933/12064>. Acesso em Março de 2016.

MALMKJAER, Kirsten. **Translation and language teaching. Language teaching and translation.** UK: St. Jerome, 1998.

MERCADO, Luiz Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias.** Maceió: EDUFAL, 1999.

MEDINA, C.A. **Música Popular e Comunicação: um ensaio sociológico.** Petrópoles: Vozes, 2003.

NUNES, L. M. **Apresentação em congresso.** Congresso de Educação. Dionísio Cerqueira, 2006.

PRADO, C. & CUNHA, J.C. **Língua Materna e Língua Estrangeira na Escola: o exemplo da bivalência.** Autêntica: UFMG, 2008.

Piaget, J. (1954). Les relations entre l'intelligence et l'affectivité dans le développement de l'enfant. Bulletin de Psychologie, VII, 143-150, 346-361, 522-535, 699-701.

Rogers, C.R. (1971). **Liberdade para aprender** (E.G.M. Machado & M. P. Andrade, Trads.). Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais. (Original publicado em inglês, 1969).

ROMANELLI, Sergio. **O uso da tradução no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras.** Horizontes de Linguística Aplicada, Brasília - DF, v. 8, n. 2, p. 200-219, 2009. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/2942>. Acesso em: 18 março de 2018.

RIDD, Mark David. "Tradução, consciência crítica da linguagem e relações de poder no ensino de línguas estrangeiras". **In: I Simpósio Internacional de Análise de Discurso Crítica.** Denize Elena Gracia da Silva (Org.). Brasília, 2005. p. 1-8. Disponível em: <file:///C:/Users/EDNA%20CAMARA/Downloads/2938-8839-1-PB.pdf>. Acesso em março de 2018.

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore. 2001. Approaches and Methods in Language Teaching. Second Edition. New York: Cambridge University Press. Disponível em: <file:///C:/Users/EDNA%20CAMARA/Downloads/approaches-and-methods-in-language-teaching2-paperback-frontmatter.pdf>. Acesso em Maio de 2018.

SANTOS, Cleydstone Chaves dos & FERNANDES, Lincoln P. Da antiguidade à era informatizada: um breve percurso histórico da tradução no ensino de línguas. **IN: Anais do VII Seminário Nacional sobre o Ensino de Língua Materna e Estrangeiras e de Literatura.** Campina Grande, UFCG, 2011.

SCHMITZ, John Robert.(2009).Ensino/aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola pública: uma meta alcançável? In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa. Conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola. p. 17-20.

VIGOTISKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WIDDOWSON, H. D. **O ensino de línguas para a comunicação.** Trad. José Carlos Paes de Almeida Filho, Campinas, SP. Pontes, 1991.